La Comédiathèque

O sorteio do Presidente

Jean-Pierre Martinez



comediatheque.net

Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor:
https://comediatheque.net

O Sorteio do Presidente

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

No único bar de uma aldeia francesa quase abandonada pelo êxodo rural, os donos e os poucos clientes que ainda restam inventam notícias falsas para fugir à monotonia. Mas algumas dessas mentiras podem acabar por se tornar realidade...

Personagens

Manolo e Concha : proprietários do bar (um homem e uma mulher)
Chris e Toni : agentes funerários (qualquer género)
Nat e Luca : estudantes (qualquer género)
Fred e Alex : políticos (qualquer género)
Sam e Max : jornalistas (qualquer género)

Fred e Alex podem ser interpretados pelos mesmos intérpretes de Nat e Luca.
Sam e Max podem ser interpretados pelos mesmos intérpretes de Chris e Toni.

Nesta versão, cada par de personagens é composto por um homem e uma mulher. No entanto, à exceção de Manolo e Concha, todos os papéis podem ser desempenhados por pessoas de qualquer género. Há, por isso, várias distribuições possíveis:
10 intérpretes: 9H/1M, 8H/2M, 7H/3M, 6H/4M, 5H/5M, 4H/6M, 3H/7M, 2H/8M, 1H/9M
9 intérpretes: 8H/1M, 7H/2M, 6H/3M, 5H/4M, 4H/5M, 3H/6M, 2H/7M, 1H/8M
8 intérpretes: 7H/1M, 6H/2M, 5H/3M, 4H/4M, 3H/5M, 2H/6M, 1H/7M
7 intérpretes: 6H/1M, 5H/2M, 4H/3M, 3H/4M, 2H/5M, 1H/6M
6 intérpretes: 5H/1M, 4H/2M, 3H/3M, 2H/4M, 1H/5M

© La Comédiathèque

Um bar na única aldeia de uma região rural francesa quase deserta. Atrás do balcão, Manolo folheia um jornal, resmungando de vez em quando. Concha, a mulher, limpa copos. Nat e Luca, dois jovens, estão sentados a uma mesa, com duas bebidas à frente. Usam t-shirts com slogans ecologistas e veganos. Há um jornal em cima da mesa.

Concha – Estás com má cara. Que se passa?

Manolo – O que se passa? Perguntas o que se passa?

Concha – Sim, Manolo, o que se passa?

Manolo – Este país está de pernas para o ar, Concha! Está tudo mal!

Ela olha para baixo do balcão.

Concha – De qualquer forma, a máquina de lavar loiça não funciona. Devias dar uma olhadela.

Manolo – São todos uns corruptos, digo-te eu!

Ela dá uma olhadela pela montra do bar.

Concha – Sim... Até o clima está podre.

Manolo – O quê?

Concha – Para ser abril, está um tempo horrível, não achas?

Manolo – Pois...

Concha – Casámo-nos há trinta anos. Foi em abril. Lembras-te? Estava um tempo maravilhoso.

Manolo – Aquecimento global, uma ova! Aqui estamos é a gelar!

Concha – Ou talvez sejamos nós...

Manolo – Nós?

Concha – Com a idade, arrefecemos.

Manolo olha para os dois jovens sentados à mesa.

Manolo – Olha para estes dois idiotas, andam de t-shirts.

Os dois jovens beijam-se.

Concha – Pelo menos eles não arrefecem.

Manolo – Sim...

Concha – São jovens...

Manolo – Isso passa-lhes.

Concha – Ainda têm ilusões...

Manolo – Dizem que são veganos, mas bebem Coca-Cola.

Concha – Porquê? Há carne na Coca-Cola?

Manolo – Sei bem o que quero dizer.

Concha – Pois eu não percebo.

Manolo – E pensar que dependemos deles para pagar as nossas reformas.

Concha – Primeiro, eles teriam de encontrar trabalho. Já não há muito por aqui... Desde que fecharam a fábrica de pneus e a mudaram para a Bielorrússia...

Manolo – Para encontrarem trabalho, primeiro era preciso que o procurassem.

Concha – Fazem bem em aproveitar o momento. Quando tiverem a nossa idade...

Manolo – O quê, quando tiverem a nossa idade...?

Concha – Sempre me perguntei porque é que os operários queimam pneus quando fazem greve. Sabes porquê?

Manolo não ouve.

Manolo – Pneus?

Concha – Porque é que queimam pneus? Sempre que vemos grevistas na televisão, queimam pneus. Sabes porquê?

Manolo – Naquela fábrica de merda, pelo menos podiam queimar pneus novos.

Concha – Queimar pneus, francamente... Para quê?

Manolo – O que esperas que queimem...?

Concha – Deve ser uma tradição.

Manolo – Isso mesmo. Deve ser uma tradição que remonta à Idade Média.

Concha – Hoje em dia, queimavam Joana d'Arc numa pilha de pneus, no meio de uma rotunda.

Manolo – Joana d'Arc? E tu preferias que a queimassem com lenha, à moda antiga?

Concha – Os jovens de hoje, pelo menos, não queimam pneus.

Manolo – Não, tens razão, já não queimam pneus... Queimam carros!

Concha – Talvez nas cidades, mas aqui... A única vez que o nosso carro ardeu foi quando deixaste as cinzas do churrasco na bagageira.

Manolo – Juro-te... Se fosse por mim, reintroduziria o serviço militar obrigatório, sim... E não só por doze meses, acredita.

Concha – Tu fizeste o serviço militar?

Manolo – Fui dispensado...

Concha – Sim... E nunca me disseste porquê...

Manolo – Acredita, é melhor não saberes...

Chris e Toni chegam, vestidos como funcionários de agências funerárias.

Chris – Senhoras e senhores...

Concha – Ah, aí vêm os coveiros.

Toni – Hoje em dia somos chamados de "agentes funerários".

Manolo – Mais valia chamar-vos abutres. Sempre que aparecem, é porque há algum cadáver por perto.

Concha – É verdade. Sempre que atravessam a porta do bar, pergunto-me se não vêm por mim.

Chris – Não te preocupes, um dia também cá viremos buscar-te. Mais cedo ou mais tarde, todos acabam por ser nossos clientes.

Toni – Também podem dizer: «Olha, é o presidente da câmara e a sua adjunta». Sempre soa mais alegre.

Manolo – Mais alegre? Quando o presidente da câmara e a sua adjunta são agentes funerários, é porque a aldeia já está a morrer!

Chris – Tens razão. Já só restam uns trinta por aqui. Se continuar assim, isto vai virar uma vila fantasma.

Concha – Há mais gente no cemitério do que na igreja aos domingos, de certeza.

Manolo – E há ainda menos gente no bar do que na igreja.

Chris – Sim... Já só restam velhos por aqui.

Toni – O padre já nem consegue encontrar crianças para ajudar à missa.

Concha – Ainda assim... quem seria tão louco ao ponto de confiar o filho a um padre?

Toni – Além disso, com este vírus que continua a mutar todas as semanas, digo-te que agora mesmo não nos falta trabalho.

Concha – Portanto, vocês são dos que aproveitam a pandemia, não é?

Chris – Até podíamos contratar mais gente. Mas é como na restauração: no nosso ramo, é difícil encontrar pessoal qualificado.

Toni – O que se pode fazer? Ser coveiro não é um ofício que atraia os jovens.

Manolo indica os dois jovens com um movimento da cabeça.

Manolo – Pois aí tens dois jovens à procura de trabalho.

Toni – Atenção, não contratamos qualquer pessoa. Uma cremação não é como meter uma pizza no forno.

Concha – Mesmo um churrasco tem os seus riscos. Há quem seja suficientemente estúpido para meter as cinzas na bagageira do carro...

Chris – Sim... Quando nos reformarmos, não sei quem vai ficar no nosso lugar.

Manolo – Talvez pizzaiolos bielorrussos.

Toni – Entretanto, vamos beber alguma coisa.

Chris – Vá lá, Concha, serve-nos dois copos de pastis. Dizem que protege contra todas as variantes.

Concha – O do costume ou queres experimentar outra marca?

Toni – O do costume. Dizem que o outro tem efeitos secundários.

Chris – Pois. Já houve casos de cirrose e coma alcoólico.

Manolo – Estes é que são patriotas! Pelo menos bebem francês.

Concha serve-lhes dois copos de pastis. À sua mesa, os jovens começam a conversar.

Luca – Que seca de aldeia...

Nat – É o único bar num raio de trinta quilómetros.

Luca – Ainda se pode chamar bar a isto? Se ao menos houvesse uma mesa de matraquilhos ou um bilhar, tinha um certo encanto retro. Assim parece um filme de zombies.

Nat – Eles, pelo menos, não se aborrecem nunca.

Luca – Sim... Parece que começam bem carregados logo de manhã...

Nat – Ainda nem são oito da manhã e eles já estão no aperitivo!

Luca – Olha as caras deles, parecem degenerados...

Nat – Ou talvez seja por causa do vírus...

Luca – Quem sabe, talvez tenha subido ao cérebro.

Nat – Deve ser uma variante resistente ao álcool, então. Porque com eles, até o cérebro deve estar bem ensopado.

Luca – Tomam o desinfetante por via oral. Uma gota de água para duas doses de pastis.

Nat – Talvez também estejam a mutar. Como o vírus.

Luca – Sabes como os vírus mutam?

Nat – Não.

Luca – Normalmente reproduzem-se quase sem alterações, mas de vez em quando há erros nesse processo.

Nat – É o princípio da seleção natural de Darwin, certo? Só que aqui, são sempre os erros que acabam por se impor.

Luca – Tens razão, cada vez ficam mais estúpidos...

Nat – E o vírus da estupidez ainda não terminou de mutar...

Luca – Sabes o que me fazem lembrar?

Nat – Não... Baratas? Dizem que conseguem sobreviver mesmo depois de lhes cortarem a cabeça.

Luca – Tens razão, não parecem usar muito as suas cabeças. Não, eu estava a pensar mais em térmitas.

Nat – Entendo o que queres dizer.

Luca – Animais sociais que se alimentam da estrutura da sua própria casa.

Nat – Até que o teto lhes caia em cima...

Luca – É uma boa imagem da humanidade, das alterações climáticas e do fim do mundo que estamos a preparar.

Suspiram.

Nat – O que podemos fazer para evitar isso?

Luca – Evitar o fim do mundo? Não sei. Admito que já não acredito na política.

Nat – Eu também não. Não acredito que possamos mudar as coisas de cima para baixo.

Luca – As pessoas passam a vida a criticar o governo, mas temos os governantes que merecemos. Quando formos menos estúpidos, talvez tenhamos políticos melhores.

Nat – É como com as térmitas. Na realidade, a rainha não manda em nada: limita-se a reproduzir o sistema, pondo ovos. Enquanto as térmitas continuarem a ser térmitas, não vale a pena mudar de rainha.

Luca – E enquanto os tolos forem tolos, não adianta mudar o rei dos tolos.

Nat – Sim...

Luca – Olha, já tenho um tema para o exame de Filosofia: «Na espécie humana, os mais estúpidos estão destinados a tornar-se maioria?»

Nat – Teríamos de fazer ensaios clínicos... Por enquanto, a variante francesa da estupidez só conseguiu impor-se em França.

Luca – Nem os nossos idiotas conseguimos exportar. É de perder a esperança neste país.

Nat – Entretanto, vamos ver até onde eles são capazes de ir.

Luca – Aposto que ainda nos surpreendem... Estás pronto?

Nat – Estou pronto.

Luca – Que comece o espetáculo...

Levantam-se.

Luca – Senhoras e senhores...

Nat – Tenham um bom dia...

Os outros respondem com um aceno de cabeça. Os jovens saem.

Concha – De qualquer modo, eles são bastante educados.

Manolo – Nem sabia que ainda havia jovens por aqui... Conhece-los?

Concha – Talvez tenham vindo visitar os avós.

Chris – Ou então vieram para o funeral.

Manolo – Que funeral?

Toni – O cliente que temos no carro funerário. Era o morador mais velho da aldeia.

Concha – Numa aldeia de trinta habitantes, não é difícil ser o mais velho.

Manolo – E ainda é mais fácil ser presidente da câmara... Sobretudo quando se é o único candidato.

Chris – Podias ter-te candidatado! Tens tantas ideias para salvar França... Uma aldeia destas devia ser fácil de governar.

Manolo – Sim, bem... Quem é o mais velho agora?

Toni – Porquê? Vais candidatar-te?

Em vez de responder, Manolo vai limpar a mesa.

Manolo – Deviam ter levado o jornal. Isto não é um caixote do lixo.

Toni – Pelo menos esses sabem ler.

Manolo – Vês, Concha? Não são tão educados, afinal...

Concha – Sê um pouco simpático com os clientes. Achas que temos demasiados?

Chris – O que é que fazem aqui, em vez de estarem na escola ou no trabalho?

Concha – O mesmo que vocês, suponho.

Toni – Ao amanhecer, tanto os grandes felinos como as jovens gazelas vêm matar a sede nas águas límpidas do rio...

Chris – Tendo cuidado com os velhos crocodilos à espreita no lodo.

Concha fica por instantes perplexa com este comentário enigmático.

Concha – Está um frio de rachar para abril, não acham? *(Os dois agentes funerários não reagem.)* Se calhar vou voltar a ligar o aquecimento... *(Pausa.)* Por acaso percebem alguma coisa de máquinas de lavar loiça?

Os agentes funerários fazem que não com a cabeça.

Toni – Se fosse o forno, talvez...

Concha – Ah, juro-te... Querem mudar o mundo, mas não conseguem arranjar uma máquina de lavar louça.

Manolo volta ao balcão com os copos e o jornal. Arruma o tabuleiro e dá uma vista de olhos ao jornal.

Manolo *(a ler)* – Mata o marido violento com uma espingarda de caça, esquarteja-o com uma motosserra e dissolve os restos em soda cáustica...

Chris – E é isso que traz a libertação das mulheres...

Concha – Dizem que o marido era violento.

Manolo – Serias capaz de fazer isso?

Concha – Experimenta levantar-me a mão para ver o que acontece.

Manolo – E, além disso, ela foi absolvida!

Chris – Já vais ver que logo lhe vão dar uma medalha.

Concha – E porque não? Ao menos aquele canalha já não vai fazer mal a ninguém. É verdade ou não é?

Ninguém se atreve a contradizê-la.

Toni – Sim...

Manolo volta à leitura. Um título na primeira página chama-lhe a atenção.

Manolo – Não acredito...

Chris – O que é que se passa?

Manolo – Está na primeira página e nem tinha reparado. Normalmente vou logo às notícias de crimes.

Toni – Outro homicídio?

Manolo *(a ler)* – Devido à abstenção recorde nas últimas eleições, o sufrágio universal para a Presidência da República foi abolido.

Chris – A sério...?

Manolo *(continuando a leitura)* – O próximo Presidente da República será escolhido por sorteio entre todos os eleitores inscritos nas listas eleitorais.

Concha – Não pode ser...

Manolo – As eleições serão organizadas pela Lotaria Nacional...

Chris – Que dia é hoje?

Concha – Não sei...

Toni – Não estaremos no dia um de abril, por acaso?

Chris – Hoje é dia dois, não é?

Concha – Tens a certeza de que não é o jornal de ontem?

Manolo verifica o jornal.

Manolo – Se estamos a dois, então estou a ler o jornal de amanhã.

Toni – De amanhã?

Manolo *(mostrando a data no jornal)* – Três de abril. Está aqui escrito.

Momento de confusão.

Chris – Se os políticos já não querem governar, para onde vamos?

Toni – Já não sabem o que inventar...

Manolo – Realmente, acham que somos estúpidos.

Concha – Deviam estar contentes! Já que têm tantas ideias para salvar o país...

Chris – Isso é certo...

Toni – Claro...

Manolo – De qualquer forma, não é provável que seja um de nós.

Concha – Porque não? Uma hipótese em cinquenta milhões. Há sempre alguém a ganhar a lotaria.

Toni – Duvido.

Concha – Porque não?

Chris – Porque está tudo viciado!

Toni – Claro. Mais uma burla...

Manolo – Aposto que a sorte vai calhar a um daqueles altos funcionários do costume.

Chris – Não sejamos ingénuos. Tudo isto está arranjado de antemão.

Concha – Achas mesmo?

Toni – Claro!

Chris – Vamos, Concha, serve-nos a segunda dose, assim ficamos completamente imunizados.

Toni – Sim, eu também. Ainda me sinto um pouco vulnerável...

Chris – Com todas essas variantes que nos invadem – os chineses, os indianos, os brasileiros...

Manolo – Os africanos...

Toni – Os ingleses...

Concha – Os bretões...

Chris – Estás a dizer isso por minha causa?

Manolo – Tu és bretão?

Chris – Pela parte da minha mãe.

Toni – E, por parte de um amigo do pai, é da região de Auvergne.

Concha enche os copos.

Concha – Aqui tens...

Manolo – O pastis serve para tudo.

Chris – Devia ser comparticipado pela Segurança Social.

Concha – E vocês também deviam pagar o que devem. Aqui não há comparticipação!

Manolo volta a olhar para o jornal.

Manolo *(para Concha)* – O que achas tu?

Concha – Oh, não... Eu não me meto em política.

Manolo – Estou a falar-te da data de hoje! Que dia é?

Concha – Espera, deixa-me pensar... Ontem foi o primeiro, certo?

Toni – Então, hoje seria o dois.

Chris – E será mesmo o jornal de amanhã?

Toni – Quem me dera... Ainda não fiz a minha aposta nas corridas de cavalos. Qual é o número vencedor?

Manolo coloca o jornal no balcão. Concha dá uma olhadela.

Concha – Olha, a autarquia vai oferecer-nos um compostor.

Toni – Um compostor? Para quê?

Concha – Para salvar o planeta, dizem eles.

Manolo – Um compostor... Estão mesmo a gozar connosco.

Concha – Sim... E às vezes pergunto-me se não têm razão.

Toni *(para Chris)* – Tens um compostor?

Chris – Tenho um monte de estrume no quintal.

Manolo – No nosso tempo, um compostor chamava-se monte de estrume.

Toni – É verdade. Antigamente, todas as famílias tinham um monte de estrume.

Chris – A família começa onde há um monte de estrume.

Manolo – Montes de estrume sempre houve por todo o lado.

Toni – E um galo em cima de um monte de estrume é até um símbolo de França.

Chris – E nem assim salvámos o planeta.

Manolo – E França também não, que eu saiba.

Concha – Devem estar à tua espera para isso, com certeza... Não me disseste há dias que ouvias vozes?

Manolo – Zumbidos nos ouvidos, não vozes! Joana d'Arc não ouvia zumbidos nos ouvidos, pois não?

Concha – Sabe-se lá...

Chris pega no jornal e verifica.

Chris – Então não é uma piada? Eles vão mesmo sortear o próximo Presidente da República?

Toni – Consegues imaginar? Se me calhasse a mim...

Manolo – Eu, se fosse presidente, sabia muito bem o que havia de fazer.

Chris – Eu também.

Toni – Sim...

Manolo – Com tudo o que estamos a ver agora.

Chris – Claro.

Toni – São sempre os mesmos a criar problemas.

Manolo – Sabemos quem são e não fazemos nada.

Um breve silêncio.

Concha – Quem são?

Manolo – O quê?

Concha – Quem?

Manolo – Quem o quê quem?

Concha – Quem é que anda a criar problemas? Disseste que sabias. Então diz-nos lá, já que és tão esperto.

Manolo – Sim, bom... Eu entendo-me...

Concha – Eu não entendo. Podes ser mais claro?

Manolo – Ainda me vão acusar de... *(Aos agentes funerários.)* Vocês percebem de quem estou a falar, não percebem?

Toni – Claro! E são cada vez mais...

Concha – Está bem... E há muitos por aqui?

Manolo – Aqui, não, mas...

Chris – Ainda não.

Concha – Se continuarmos assim, aqui não vai sobrar ninguém. Os velhos morrem. Os jovens vão embora. Nem os refugiados querem viver aqui...

Manolo – Os refugiados...

Toni – Logo seremos nós os refugiados. Quando acabarmos de enterrar todos.

Chris – Refugiados do êxodo rural, da deslocalização...

Uma pausa.

Manolo – O que precisamos é uma boa guerra.

Toni – Isso faria todos concordarem.

Chris – E reativaria a economia.

Toni – Sem mencionar a ciência. As maiores descobertas foram feitas em tempos de guerra, toda a gente sabe disso. A penicilina, a bomba atómica, o micro-ondas, o preservativo...

Manolo – O preservativo? Tens a certeza?

Toni – Acho que sim.

Concha – E, claro, vocês vão fazer essa guerra...?

Manolo – Porque não?

Concha – Tu nem sequer fizeste serviço militar!

Manolo – Sim, bem... Já estamos velhos demais, de qualquer forma...

Chris – Deixemos isso para os jovens.

Toni – Isso vai ensiná-los a viver.

Concha – Uma guerra... Contra quem, primeiro?

Chris – Esse é o problema da Europa, minha pobre Concha. Já não temos ninguém aqui ao lado com quem fazer guerra.

Toni – Só se fala na amizade franco-alemã.

Chris – E depois, fora da Europa, é longe demais.

Manolo – Já não temos recursos, é claro...

Chris – No tempo em que este país era uma grande potência, participávamos em guerras mundiais. Depois tivemos de nos contentar com guerras coloniais...

Manolo – E agora mal conseguimos mandar o exército patrulhar as nossas ruas.

Chris – Assim, naturalmente, todos esses soldados acabam por se aborrecer...

Manolo – E tanto se aborrecem que começam a ficar impacientes.

Uma pausa.

Toni – Ou uma boa guerra civil.

Manolo – Sim... Um golpe militar.

Chris – Um golpe de Estado.

Toni – Um pronun... um pronun...

Concha – Um pronunciamiento.

Toni – Isso, um pronunciamiento... Até custa a pronunciar!

Concha – Uma ditadura? É isso que querem...?

Manolo – Não exageres...

Toni – Talvez não uma ditadura, mas...

Chris – Olhem para Franco. Chamavam-lhe ditador, mas depois passavam as férias na Costa Brava.

Toni – Pois. Se calhar a vida em Espanha não era assim tão má...

Manolo – Sim...

Concha – Mas os teus pais, durante a Guerra Civil, atravessaram os Pirenéus a pé pela neve para se refugiarem em França. Não é verdade?

Manolo – Sim...

Concha – E porque não foram antes passar férias à Costa Brava, à espera que aquilo passasse?

Manolo parece não saber o que responder.

Toni – Sim, bem... Tudo isso é política e tal...

Chris – E nunca teremos voz nem voto, de qualquer forma.

Manolo – São sempre os mesmos que enchem os bolsos, sim.

Toni – E agora nem sequer querem sujar as mãos. A Lotaria Nacional, mas o que é isso?

Acabam de beber. Silêncio.

Chris – Que cambada de idiotas, meu Deus...

Novo silêncio desconfortável.

Manolo – Vamos, serve-nos outra, Concha. Eu convido...

Concha enche os copos. Eles bebem em silêncio.

Toni – Os políticos são como os vírus: mal nos livramos de uma variante, aparece outra que acaba por dominar.

Chris – Nunca mais nos livramos deles.

Manolo – Como as baratas.

Chris – Eu já não voto de qualquer maneira.

Manolo – Eu também não.

Toni – Agora, apenas um em cada dez eleitores vai votar. E as pessoas nem querem ouvir falar do voto obrigatório.

Manolo – Por isso decidiram sortear o próximo presidente. Nesta altura...

Um momento de pausa.

Concha – E tu, o que farias então?

Manolo – O quê?

Concha – Disseste que se fosses presidente, saberias o que fazer. Então, o que farias?

Manolo não sabe o que dizer.

Chris – Oh, não é complicado.

Toni – Para começar, era preciso...

Pausa.

Manolo – Há tantas coisas a fazer... Nem saberíamos por onde começar, não é?

Concha – Sim, mas qual seria a primeira coisa que farias?

Manolo – Bem... começaria por eliminar as rotundas, digo-vos.

Toni – Rotundas?

Manolo – Rotundas, sim! Antes, não havia rotundas, e não precisávamos delas, certo?

Chris – Sim...

Manolo – Lembrem-se, quando éramos jovens, não havia rotundas, certo?

Toni – Não, é verdade.

Manolo – Eu, pessoalmente, até aos vinte anos, nunca tinha visto uma rotunda na minha vida. E vocês?

Chris – A primeira rotunda que vi foi quando fui à capital. Nunca tinha visto uma antes.

Toni – Uma rotunda, fomos à capital para ver isso, como se fôssemos ver a Torre Eiffel.

Chris – Além disso, acho que era a única rotunda que havia no país naquela época.

Manolo – De qualquer forma, por aqui não havia nenhuma.

Toni – Nenhuma, é verdade.

Chris – E depois, aos poucos, a partir da capital, começaram a inundar todo o país com rotundas.

Toni – Agora, em cada vila, há uma igreja e uma rotunda.

Chris – A rotunda é o símbolo do centralismo que oprime este país.

Manolo – Estamos cercados de rotundas, digo-vos! Ou não é verdade?

Toni – Sim, é verdade.

Manolo – E com que dinheiro são construídas estas rotundas?

Chris – Com os nossos impostos.

Toni – Sim.

Manolo – Eu começaria por eliminar as rotundas, e depois, eliminaria os impostos.

Chris – Ah, sim, isso não é tolice...

Manolo – Fazem-nos pagar rotundas com os nossos impostos, só para andarmos às voltas! Aonde é que isto vai parar?

Toni – Nenhum, tens razão, Manolo.

Concha – E depois, nas rotundas, sempre há um grupo de idiotas que se põe no meio para queimar pneus.

Manolo – Eu elimino as rotundas, elimino os impostos e elimino o Estado.

Chris – Sim...

Silêncio.

Concha – Talvez não o Estado... Se não, quem vos paga as reformas?

Toni – Bem, não é por nada, mas enquanto esperamos pela reforma, temos de ir trabalhar.

Concha – Espero que não vos mandem soprar ao balão.

Chris – Nenhum risco. Alguma vez viste um polícia parar um carro funerário?

Manolo – E também não são os clientes que transportam que vão reclamar.

Toni – Os que levamos, não, mas a família... Na semana passada, quando saímos daqui, aquele idiota deixou a porta de trás do carro funerário aberta.

Manolo – E então?

Toni – Perdemos o caixão numa curva.

Manolo – Mas que merda...

Chris – Só nos apercebemos quando chegámos ao cemitério.

Manolo – E então?

Toni – Voltámos para o procurar. Ele tinha rolado para uma valeta. Justo numa rotunda.

Chris – O cadáver estava bem.

Toni – Mas, claro, o caixão estava um pouco danificado...

Concha – E a família? Devem ter ficado encantados...

Chris – Por sorte tínhamos uma bandeira na bagageira.

Toni – Uma bandeira que tínhamos "pedido emprestado" da Câmara Municipal.

Concha – "Pedido emprestado"? Para quê?

Chris – Para o jogo de sábado!

Manolo – Ah, sim...

Toni – Estendemo-la sobre o caixão no lugar da tampa. Eles nem notaram.

Chris – Foi uma cremação.

Toni – A família ficou um pouco surpreendida, claro. O falecido era um alemão com uma casa de campo por aqui...

Chris – Cantámos o hino nacional e ficou tudo resolvido.

Toni – Isso é algo que aprendi no trabalho. Quando não sabes o que dizer, cantas o hino nacional, e todos concordam.

Concha – Bem... Quando chegar a minha vez de ir naquele carro, ao menos tentem estar sóbrios.

Chris – Está prometido.

Chris e Toni acabam de beber.

Toni – Vamos, o dever chama-nos.

Chris – Voltaremos mais tarde para o aperitivo.

Eles saem.

Manolo – Uma bandeira... Juro-te... Como é que chegámos a este ponto?

Concha – O que queres dizer com isso?

Manolo pensa por um momento, mas não sabe o que responder.

Manolo – Está tranquilo esta manhã, não está?

Concha – A calma antes da tempestade...

Manolo – Porque dizes isso?

Concha – É só uma expressão, não é?

Manolo – Bom, nunca vimos muitas tempestades por aqui.

Concha – Sabe-se lá... Com as alterações climáticas...

Um rapaz e uma rapariga, Fred e Alex, entram. Estas personagens podem ser interpretadas pelos mesmos atores que fizeram Nat e Luca ou por outros. Se forem os mesmos, devem estar quase irreconhecíveis: ele de fato e ela com um conjunto formal. Parecem cerca de dez anos mais velhos. Cumprimentam os donos e sentam-se.

Manolo – Nunca vimos estes dois por aqui...

Concha – Devem ser turistas.

Manolo – Turistas, por aqui? Seria a primeira vez.

Concha – Devem estar fartos da Costa Brava.

Manolo – O único estrangeiro que havia aqui era aquele alemão que enterraram na semana passada.

Os dois recém-chegados conversam em tom de conspiração, mas em voz suficientemente alta para os donos os ouvirem.

Fred – Então é aqui...

Alex – Ao que parece. *(Olhando para um papel)* Depois da rotunda, o Bar Manolo, em frente à igreja. De qualquer forma, não há outros bares na vila.

Alex entrega o papel a Fred.

Fred *(olhando para o papel)* – Senhor Manolo Sanchez... *(Olhando para o bar)* Achas que é ele?

Alex – Temo que sim...

Fred – Parece um vencedor nato, não parece?

Alex – Para ver que o acaso nem sempre acerta.

Fred – E dizem que ele não sabe nada?

Alex – Ninguém sabe de nada. O anúncio é só amanhã. *(Olha pela janela.)* Mas parece que houve uma fuga de informação: a televisão já chegou.

Fred – Vai ser um choque para ele.

Alex – Com certeza...

O telemóvel de Fred toca. Atende.

Fred – Sim, senhor Presidente... Estou mesmo a olhar para ele... O perfil adequado? Bem, parece mais um homem do campo... Talvez com um fato... Não, ainda não lhe disse nada... Com certeza, senhor Presidente. Tem razão: senhor Presidente cessante... Não o vou prender mais.

Manolo e Concha, que ouviram partes da conversa, trocam um olhar intrigado.

Alex – E então?

Fred – Não há volta a dar... Temos de lhe dizer...

Levantam-se das cadeiras.

Concha – Vais ver o que eles querem?

Manolo prepara-se para lhes perguntar o que querem beber, mas espreita primeiro pela janela.

Manolo – Que carro é aquele lá fora...?

Concha também olha.

Concha – Parece um carro de televisão...

Manolo, perplexo, vira-se para os dois clientes.

Manolo – O que querem pedir?

Fred – Bom dia, senhor. É o senhor Manolo Sanchez?

Manolo – Sim... Porquê?

Alex – Era melhor que se sentasse, senhor Sanchez.

Manolo – Eu não costumo sentar-me com os clientes.

Fred – Sugiro que o faça de qualquer forma.

Alex – Nós viemos trazer-lhe boas notícias.

Manolo – Boas notícias? Ah, certo... Concha! São as Testemunhas de Jeová, vai buscar a espingarda...

Concha sai.

Fred – Não pertencemos a nenhuma seita, senhor Sanchez. Estamos mandatados pelo Governo da República.

Manolo *(preocupado)* – Do Governo...? Será das Finanças?

Alex – Calma, não viemos para uma auditoria fiscal. Estamos mais para lhe oferecer algo.

Manolo – Oferecer-me algo?

Fred – Um lugar, senhor Sanchez.

Manolo – Já disse que não quero sentar-me.

Alex – Não é um lugar qualquer. É o lugar de Presidente da República.

Manolo fica sem saber o que dizer.

Manolo – Isto é para um programa de câmaras ocultas, ou quê?

Fred – Não, nada disso, senhor Sanchez.

Alex – Garanto-lhe que não é uma piada.

Fred – Já viu o carro de televisão lá fora?

Manolo olha mais uma vez pela janela do café.

Alex – É só o primeiro que chegou. Mas dentro de uma hora haverá dez, ou até mesmo cem.

Fred – Estão aqui por causa do senhor, senhor Sanchez.

Manolo – Por minha causa?

Alex – Para captar as suas primeiras reações após o anúncio da sua vitória eleitoral.

Manolo – Que vitória?

Fred – Senhor Sanchez, anuncio-lhe oficialmente que foi designado pela Lotaria Nacional para ser o novo Presidente da República.

Alex – Sim, senhor Sanchez, foi o escolhido pelo destino para salvar a pátria.

Manolo – Não pode ser...?

Fred – Receio que sim...

Manolo – Acho que vou finalmente sentar-me.

Deixa-se cair numa cadeira, atordoado.

Alex – Compreendemos que uma notícia destas o tenha apanhado desprevenido.

Manolo – Um pouco...?

Fred – Mas não se preocupe, não se mudará para o Palácio Presidencial imediatamente.

Alex – Nos próximos dias continuará a ser apenas presidente eleito. O presidente cessante tratará dos assuntos correntes até à passagem de poderes.

Manolo – Alguns dias, disse...? Quantos?

Fred – Digamos... umas duas semanas.

Alex – Vai dar-lhe tempo para se habituar à ideia.

Manolo – Claro...

Concha regressa com uma espingarda.

Concha – O que é que se passa aqui?

Manolo – Concha, ganhámos o primeiro prémio. Estas pessoas são da Lotaria Nacional...

Concha – Não... *(Deixa a espingarda)* Quanto é que ganhámos?

Fred – Não se trata de dinheiro, querida senhora.

Concha – A Lotaria Nacional? E que mais havia de ser?

Alex – Estamos encarregados da escolha do Presidente da República por sorteio.

Fred – O seu marido é o sortudo vencedor, querida senhora. É o nosso futuro presidente.

Concha – Mas... nem sequer jogámos!

Alex – Neste jogo, querida senhora, todos são candidatos. Basta estar registado nos cadernos eleitorais.

Concha – Então tu és o novo presidente, meu Manolo.

Manolo – Esperem, eu não disse que sim...

Fred – Ah, mas não pode dizer que não.

Manolo – Como assim?

Alex – Não pode recusar. É como ser convocado para um júri.

Fred – É a lei, estimado senhor. Não pode recusar esta nomeação.

Concha – Mas, Manolo, porque é que havias de recusar?

Manolo – Não, mas... imaginas-me como Presidente da República?

Concha – Tens uma opinião sobre tudo. E estás sempre a dizer – se eu fosse presidente, não seria tão complicado...

Manolo – Sim...

Alex – Bem, agora pode pôr em prática o seu programa, senhor Sanchez.

Concha – Manolo, sempre soube que estavas destinado a algo grande...

Manolo – Bem, já que não tenho escolha... Mas, o que é que eu faço agora?

Fred – Enquanto espera assumir o cargo, pode começar as consultas para a formação do seu governo.

Manolo – O meu governo?

Alex – Não vai governar sozinho. Estamos numa democracia, afinal de contas.

Fred – Uma democracia incerta, sim, mas uma democracia mesmo assim.

Alex – Terá de escolher os seus ministros.

Concha – Podias pedir aos coveiros...

Fred – Aos coveiros...?

Concha – Ao presidente da câmara e à sua adjunta. Também eles querem acabar com as rotundas. São pessoas simples, mas honestas. Só é pena não pagarem as contas...

Fred – Muito bem... Vamos dar-vos algum tempo para assimilar tudo isto e refletir, não?

Manolo – Refletir? Não estou muito habituado... Refletir sobre o quê?

Alex – A política que pensa implementar!

Fred – A pátria conta consigo, senhor Presidente!

Concha – Ouviste isso, Manolo? A pátria conta contigo!

Alex – Vamos deixá-lo celebrar esta brilhante vitória eleitoral com os seus seguidores mais fervorosos. Um carro oficial virá buscá-lo amanhã para levá-lo ao Palácio Presidencial.

Concha – Ao Palácio Presidencial?

Fred – O presidente cessante está ansioso por conhecê-lo o mais rápido possível para preparar a transição do poder.

Alex – E, claro, para lhe entregar o código da mala...

Concha – Ah, mas já temos uma mala.

Manolo – Sim, sim, temos uma mala... Uma com rodinhas. Não é, Concha? Comprámo-la para irmos de férias para a Costa Brava, precisamente...

Concha – Foi a primeira vez que apanhámos um avião, lembras-te?

Manolo – Na verdade, não voltámos a apanhar desde então.

Concha – E o código da mala, bem...

Manolo – É a minha data de nascimento, não é? Ou a tua, não me lembro...

Fred – Refiro-me à mala nuclear, senhor Sanchez...

Manolo – Claro, a mala nuclear...

Concha – Queres dizer... a bomba atómica?

Fred – Como Presidente, caro senhor, também é o comandante supremo das forças armadas. Tem o poder de iniciar uma guerra. Mesmo uma guerra nuclear... Bem... só em caso de ser absolutamente necessário, claro.

Concha – Que conveniente... Na verdade, o meu marido tem algumas ideias sobre isso. Não é, Manolo?

Manolo – Eu...?

Concha – Há pouco disseste que o que precisávamos era uma boa guerra...

Alex – Em todo caso, querida senhora, da próxima vez que apanharem um avião, será o Avião Presidencial.

Fred – Além disso, terá de pensar para que país reservará a sua primeira visita oficial como presidente.

Concha – Que te parecem as Ilhas Canárias, Manolo?

Manolo – As Ilhas Canárias são um país?

Alex – Ainda não... Mas, por enquanto, vamos deixá-lo para responder às perguntas da imprensa...

Fred – Tenho a certeza de que estão ansiosos para ouvir detalhes sobre a política que planeia seguir.

Alex – Sobretudo no que toca às relações internacionais...

Fred – Dê algumas diretrizes, sem entrar em demasiados detalhes. Organizaremos uma conferência de imprensa depois da sua tomada de posse oficial.

Alex – Senhor Presidente... Senhora Primeira-Dama...

Saem.

Concha – Percebes, Manolo? Finalmente vais poder pôr em prática o teu programa!

Manolo – Eu tenho um programa?

Concha – Todas as grandes ideias que tens para salvar o país da decadência!

Manolo – Ah, isso, claro...

Entram dois jornalistas, que podem ser interpretados pelo mesmo duo que interpretou os coveiros anteriormente, mas suficientemente transformados para parecerem muito diferentes, se não irreconhecíveis.

Max – Senhor Sanchez, senhora... Poderiam reservar as suas primeiras declarações para o nosso canal de notícias 24 horas?

Sam – Não os manteremos por muito tempo, fiquem tranquilos. Sabemos que agora o seu tempo é muito valioso...

Manolo – Sim, bem...

Concha – Claro! Com prazer!

Max estende um microfone para Manolo.

Max – Senhor Presidente, é a sua vez... *(Manolo permanece em silêncio)*. Fale bem para o microfone, não o ouço...

Manolo parece muito desconfortável.

Concha – Vamos, Manolo, diz alguma coisa!

Manolo – Bem, é que... Não preparei nada, claro...

Sam – Ficou sem palavras! Não é habitual num homem que acaba de ser eleito presidente.

Manolo – Eleito? Saí no sorteio! Na lotaria, ao menos somos nós que escolhemos os números...

Max – Não seja modesto, senhor Sanchez. Como diz o ditado, há encontros que não são obra do acaso.

Sam – E o seu encontro com França estava escrito no destino.

Concha – Mas vá lá, Manolo! Por trás do teu balcão, sabes sempre o que dizer sobre todos os temas! Agora que tens um microfone...

Max – Compreendemos que não tenha tido tempo de preparar o seu programa. Mas pode dizer-nos qual será a primeira medida simbólica que tomará como presidente?

Manolo – Simbólica?

Sam – O país está a ouvi-lo, Senhor Sanchez.

Concha – Acho que é hora de falar sobre as rotundas... *(Manolo obviamente não sabe o que dizer.)* Mas vá lá, Manolo, diz-lhes!

Manolo – Que chata que és! Diz tu!

Max – Senhora Primeira-Dama...?

Concha – O meu marido quer acabar com as rotundas, os impostos e o Estado.

Sam – Eliminar o Estado?

Concha – E também... restabelecer o serviço militar obrigatório, chamar um golpe de Estado e declarar guerra à Alemanha...

Max – Um golpe de Estado? Para se derrubar a si próprio?

Concha – Como assim, a si mesmo...?

Sam – Porque já será Presidente da República.

Concha – Ah, sim, Manolo... Não tinhas pensado nisso...

Manolo – Mas era apenas uma ideia inicial. Pode-se ajustar um pouco. E quando disse Alemanha... poderia ser também Mónaco, Andorra ou Bielorrússia.

Concha – Ah, sim, a fábrica de pneus! Isso é um verdadeiro tema, não é?

Max – Uma fábrica de pneus?

Concha – Tínhamos uma fábrica de pneus por aqui. Fechou há uns dez anos. Transferiram-na.

Sam – Para Mónaco?

Manolo – Para a Bielorrússia.

Concha – Pois, e isso não foi nada bom para o negócio.

Sam – Para o saldo comercial do país, quer dizer?

Manolo – Sim, e especialmente para a faturação do bar.

Concha – Os operários bebiam e fumavam. Gastavam o ordenado em raspadinhas.

Manolo – Eram bons clientes. Até pensei contratar umas raparigas para... estão a ver. Mas a minha mulher não gostou da ideia. Depois, na aldeia, só restavam mulheres de idade... E a fábrica acabou por fechar.

Concha – Já agora, o senhor que trabalha na televisão sabe porque é que os grevistas queimam pneus quando há câmaras por perto?

Max – Bem, não...

Concha – Eu, como Primeira-Dama, proibiria queimar pneus em caso de greve. Francamente, para que serve? E além disso, polui, não é?

Sam – Percebo. Portanto, a primeira-dama está muito atenta ao ambiente.

Concha – E um compostor grátis para cada família francesa!

Max – Um compostor?

Concha – Antes, o símbolo de França era um galo em cima de um monte de estrume. Agora será uma galinha em cima de um compostor!

Max – E os nossos telespetadores também vão querer saber quais são as suas propostas para a igualdade entre homens e mulheres.

Sam – Aceitariam vir apresentá-lo em direto no nosso canal?

Concha – Realmente vamos aparecer na televisão?

Max – Ainda esta noite, se estiverem de acordo. No telejornal das oito.

Concha – Que maravilha! Não é, Manolo?

Manolo – Sim... Sim, é... É maravilhoso.

Sam – Combinado. Um carro virá buscá-los às sete. Ou melhor, às seis... *(Para Max.)* As maquilhadoras vão precisar de tempo.

Estão prestes a sair. Max se vira uma última vez para Manolo.

Max – Um pequeno conselho, no entanto...

Manolo – O quê...?

Max – Hoje é dia um de abril, senhor Sanchez. Daqui a duas semanas estará no Palácio Presidencial. Compre um fato novo, de preferência escuro. Fica melhor no ecrã.

Sam – E a senhora primeira-dama podia inspirar-se numa rainha europeia.

Saem. Manolo e Concha ficam pensativos por um momento.

Concha – Portanto, hoje é dia um de abril...

Manolo olha para ela, desconcertado.

Escuro.

Luz.

Concha limpa copos atrás do balcão. Manolo, num fato um pouco apertado para ele, dá uma olhadela discreta para a montra.

Manolo – Que horas são?

Concha – São sete. Porquê?

Manolo – Por nada.

Concha – Não vêm, Manolo. Foi uma partida do Dia das Mentiras.

Manolo – Claro que sei! Julgas que sou parvo?

Concha – Então porque é que vestiste o fato?

Manolo – E se eu tiver vontade de vestir um fato de vez em quando? Sempre me criticas por me vestir mal...

Concha – O fato do teu casamento?

Manolo – Só tenho este...

Concha – Bem... Então evita agachar-te, pelo menos...

Manolo – Eu, pelo menos, ainda consigo vestir o meu.

Concha – O que disseste aí?

Manolo – Nada...

Concha – Mais te vale. Lembras-te da mulher que matou o marido porque ele lhe batia? Tenho tudo o que é preciso em casa: espingarda, motosserra, soda cáustica...

Manolo – Temos soda cáustica em casa?

Chris e Toni entram.

Chris – Senhor Presidente... Senhora Primeira-Dama...

Toni – Vestiste o teu fato de cerimónia, Manolo?

Manolo – Sim, bem, está bem...

Chris – Ouvimos dizer que andavas a formar governo e resolvemos aparecer, por via das dúvidas...

Toni – Afinal, já somos funcionários locais. E fomos eleitos na primeira volta... Sei que não havia outros candidatos, mas mesmo assim.

Chris – Em todo o caso, também temos ideias para endireitar o país. Não é verdade?

Toni – Claro!

Chris – Se a pasta das Finanças estiver vaga e bem recheada, fico com ela. E tu?

Toni – Eu... talvez me veja como Ministra do Interior.

Concha – Para quê?

Toni – É para anular as minhas multas, claro! Imagina: mandam-me parar por excesso de velocidade, completamente bêbeda, e mostro o cartão de ministra. Pronto, meus amigos, eu é que mando!

Chris – Mas, ouve lá, Manolo... O fato encolheu ou tu engordaste um pouco...?

Concha – A cabeça dele inchou, isso é certo.

Manolo – Até tu te juntas a isto?

Concha – Ora, não tens do que te queixar. O fato presidencial provavelmente seria demasiado grande para ti, de qualquer forma.

Chris – Pois... Ficamos com as rotundas, e pronto.

Manolo – Não vou rebaixar-me para te responder.

Concha – Ainda gostava de saber quem nos pregou esta partida.

Toni – Sim, eu também...

Chris – E tu que estavas disposto a sacrificar-te pela pátria... Ela não te quis, olha só.

Manolo – Isto é um bar. Se querem ficar, têm de consumir.

Concha – Então, agentes funerários, o que vai ser? Uma cerveja?

Toni – Para mim, antes uma aguardente. Estou com o estômago às voltas...

Chris – Para mim, o de sempre. Uma cervejinha.

Concha serve-os.

Toni – É pena. A ideia do sorteio não era assim tão má.

Chris – Milhões de candidatos à presidência... 100% de participação... Sem campanha eleitoral...

Toni – Agora, com as redes sociais, todos têm ideias para salvar o mundo. Seja política internacional ou investigação médica... Toda a gente é especialista em tudo.

Concha – E então?

Chris – Então escolhes um ao acaso, colocas no Palácio Presidencial para implementar o seu programa. E se não funcionar, fuzila-se no final do mandato.

Toni – Provavelmente haveria menos "especialistas", isso é certo... Sabiam que uma barata pode continuar viva mesmo depois de lhe cortarem a cabeça?

Manolo – Como sabes isso? Já cortaste a cabeça a uma barata?

Toni – Li-o no jornal, na secção de ciência.

Manolo – Se vem no jornal, então...

Concha – Sim, bem... Antes das redes sociais, já era a mesma coisa, não era? Sempre havia um tolo a dar a sua opinião sobre qualquer tema...

Chris – Ah, sim? Onde?

Concha – No balcão de um bar, por exemplo...

Manolo – Ao menos as asneiras ficavam dentro da aldeia.

Toni folheia o jornal.

Toni – Então, quais são as notícias de hoje? A menos que seja o jornal de amanhã...

Chris – O que achas, Manolo? É o jornal de hoje?

Manolo – Não, é o da semana que vem, tolo.

Concha – Querias ver os resultados da lotaria política?

Toni – Prefiro ler a secção de obituários. Para planear o meu dia...

Vira as páginas do jornal.

Concha – E então, os negócios vão bem?

Toni – Olha, também morreu o novo habitante mais velho da aldeia.

Concha – Pois... Ser o mais velho da aldeia não é propriamente uma carreira com futuro.

Toni – De qualquer forma, o posto está livre, se alguém estiver interessado...

Concha – E além disso?

Toni – Além disso, tudo está como sempre.

Chris – Esta vacina ainda vai dar cabo do negócio das funerárias...

Concha – São vítimas colaterais, como se costuma dizer.

Toni – Espera lá... Não pode ser! *(A Chris.)* Olha para isto!

Entrega o jornal a Chris, que o examina.

Chris – Onde?

Toni – Aí!

Chris – Não é possível...

Manolo – O que é que se passa agora?

Chris – Isto não te vai agradar, Manolo...

Manolo – Diz na mesma.

Toni – O teu nome está na secção de obituários!

Manolo – Já me começam a enervar...

Chris – Juro! Manolo Sanchez! Vê com os teus olhos!

Concha – Deve ser um homónimo. Há muitos Sanchez por aí...

Toni pega o jornal.

Toni *(a ler)* – Concha, sua mulher, e Kimberley, sua filha, participam o falecimento prematuro de Manolo Sanchez, de 63 anos, num acidente de parapente. A cremação terá lugar...

Chris – É bastante específico.

Manolo – Não podem deixar-se de disparates durante cinco minutos?

Toni passa o jornal para Manolo.

Toni – Mas estou a dizer que está mesmo aqui escrito. Tem de ser verdade porque está no jornal!

Manolo olha para o jornal.

Manolo – O que é isto agora...?

Concha olha por cima do ombro de Manolo.

Concha – Isto já não tem graça. Haverá alguém decidido a fazer-nos mal?

Chris – Ontem presidente, hoje falecido...

Toni – O mandato mais curto da história da nossa República.

Chris – Mais um pouco e terias tido um funeral nacional...

Concha – Deixa-me ver... *(Olha para o jornal.)* Ora, pois é... Dizem que estás morto, Manolo.

Manolo – Deve ser outro que se chama como eu... um sinónimo.

Concha – Homónimo, Manolo! Mas deve haver mais do que um Sanchez com tão pouco juízo.

Chris – Sim, mas Manolo Sanchez com uma esposa chamada Concha e uma filha chamada Kimberley...

Toni – A tua filha chama-se Kimberley?

Manolo – Sim. *(Volta a ler.)* «Concha, sua mulher, e Kimberley, sua filha, participam com profundo pesar o falecimento de Manolo Sanchez, de 63 anos, num acidente de parapente. A cremação terá lugar...»

Concha – E tu tens 63 anos.

Manolo – Sim...

Chris – Tudo coincide...

Manolo – Num acidente de parapente...? Como dizes, tudo coincide...

Toni – Fazes parapente?

Manolo – Sim, claro. Sobretudo à noite. De manhã, prefiro o surf ou o jet ski.

Chris – A sério...?

Manolo – Claro, idiotas, não faço parapente! Nem sequer sei o que é isso!

Concha – O que é o parapente?

Toni – Prendes uma espécie de asa às costas, saltas de um penhasco e vais a planar até ao chão.

Concha – Estou mesmo a imaginar o meu Manolo a fazer uma coisa dessas...

Chris – É verdade que deve ser perigoso.

Toni – Não admira que haja acidentes. Até mortos...

Manolo – Mas eu já disse que não faço parapente...

Concha – Já lhe custa descer as escadas de manhã, sobretudo quando passou a noite a beber com vocês. Quanto mais atirar-se de um penhasco com uma asa às costas...

Chris – Mesmo assim – Concha, a esposa, Kimberley, a filha, lamentam anunciar...

Toni – Isso não pode ser coincidência.

Concha – E se não é coincidência, o que é?

Manolo – Não sei...

Chris – Como diz o poeta: «Não há acasos, só coincidências».

Toni – Tens a certeza de que é isso que diz o poeta?

Chris – Não é isso que ele diz? Concha, tu sabes?

Concha – Quem?

Chris – O poeta!

Concha – O poeta...?

Toni – E que poeta, para começar?

Concha – Mas, mudando de assunto, estás a sentir-te bem?

Manolo – Porque não estaria bem?

Concha – Pois... Dizem que estás morto, Manolo.

Manolo – Mas estão a ver-me bem! Não veem que não estou morto?

Concha – Não sei...

Chris – Não há fumo sem fogo, isso é certo...

Toni – Especialmente quando se trata de uma cremação.

Silêncio.

Manolo – Se eu estivesse morto, acho que teria percebido, não?

Concha – E além disso, num acidente de parapente...

Chris – Não é algo que se faz sem dar por isso, isso é certo.

Toni – Ou talvez sejas sonâmbulo.

Manolo – Sonâmbulo?

Chris – Os sonâmbulos fazem coisas durante a noite de que não se lembram quando acordam.

Toni *(para Concha)* – O Manolo é sonâmbulo?

Concha – Ressona, sim, mas sonâmbulo... Quanto a fazer coisas à noite das quais ele prefere não se lembrar na manhã seguinte... Além de quando passa a noite a beber convosco...

Manolo – Mas, conheces muitos sonâmbulos que façam parapente durante a noite?

Uma pausa.

Chris – E já fizeste esqui aquático alguma vez?

Manolo – E o que é que isso tem a ver?

Chris – Sei lá... Concha, serve-nos outra ronda. Já estamos a ficar baralhados.

Toni – É, talvez assim consigamos pôr as ideias em ordem.

Concha enche os copos. Bebem. Chris volta a olhar para o jornal.

Chris – Sessenta e três anos... Já viram?

Toni – Ainda não é idade para morrer.

Chris – Como se costuma dizer, é sobretudo triste para quem fica.

Toni – Então, em resumo, agora és viúva, minha pobre Concha.

Manolo – Se eu estivesse morto, seriam os primeiros a saber, não? Vocês são coveiros!

Concha – Ou talvez seja outra partida.

Chris – Uma partida?

Toni – Quem faria uma partida assim?

Manolo – Não sei... Talvez os coveiros...

Chris – Mas, Manolo, não vais acreditar que...

Toni – Somos profissionais. Temos um código deontológico!

Concha – Então, quem? Restam apenas trinta pessoas na aldeia... e conhecemos todos.

Nat e Luca entram e sentam-se. Desta vez, estão vestidos de preto, num estilo quase gótico.

Nat – Senhoras e senhores...

Os outros olham para eles com desconfiança.

Manolo – Estes, por outro lado, não estão cá há muito tempo...

Concha – Achas que poderiam ser eles?

Chris – Na verdade, têm um aspeto meio suspeito, não?

Concha – No entanto, parecem bastante simpáticos...

Manolo – Simpáticos? Parecem vampiros!

Nat e Luca aproximam-se do balcão. Os outros parecem ficar em alerta.

Chris – Cuidado, estão a vir para cá...

Luca – Desculpem... Podemos deixar uns flyers?

Concha – Uns quê?

Nat – Uns folhetos, se preferirem.

Chris – E porque lhes chamam flyers, se são folhetos?

Toni – Ainda por cima estamos numa aldeia francesa, não em Nova Iorque!

Nat – Não sei... «Flyers» parece mais moderno.

Luca – Pronto, podemos deixar aqui uns folhetos?

Manolo – Depende. Para quê?

Nat – É para um curso de parapente.

Os outros quatro ficam paralisados.

Manolo – Parapente?

Luca – Se estiverem interessados, a primeira aula é grátis.

Nat – Se quiserem, marcamos a primeira aula já para amanhã.

Concha – Uma aula? Para quê?

Luca – Para um batismo de voo.

Manolo – Estão a ouvir isso?! Um batismo aéreo!

Chris – Parapente... E a primeira tentativa é grátis...

Nat – Também organizamos saltos de elástico, se preferirem.

Luca – Temos amigos que ocupam a antiga fábrica de pneus.

Nat – Eles recolheram muitas câmaras de ar e as transformaram em cordas elásticas.

Concha – Pelo menos, não as queimam.

Luca – Saltar no vazio, deixar-se levar... É uma sensação única.

Nat – É como saltar de paraquedas. Sentimo-nos como um pássaro...

Luca – Ou como um pássaro sem asas... que cai como uma pedra.

Nat – Mas é perfeitamente seguro, não se preocupem!

Luca – Até agora, nunca morreu ninguém.

Chris – E já tiveram muitos clientes?

Nat – Para ser sincero... seriam os primeiros.

Concha – Claro... Alguém tem de testar a corda...

Luca – Então, podemos deixar os flyers? Quer dizer, os folhetos?

Manolo – Vou fazer com que engulam esses folhetos!

Toni – Bando de assassinos!

Manolo – Mas que brincadeira é essa?

Nat – Bem, bem... Não se preocupem... Desculpem-nos...

Luca – Podemos pedir duas Coca-Colas?

Concha – Coca-Colas?

Manolo – Fora daqui, antes que vá buscar a espingarda!

Nat e Luca saem, desconcertados.

Toni – Parapente...

Chris – Não têm mesmo limites.

Manolo – Se dependesse de mim, mandava todos para o exército, digo-vos.

Chris – Todos para os paraquedistas. Depois de um ano, logo veríamos se ainda tinham vontade de fazer saltos de elástico.

Um momento de pausa.

Concha – E vocês, já saltaram alguma vez de paraquedas?

Toni – De paraquedas?

Chris – Não.

Toni – E porque haveríamos nós de saltar de paraquedas?

Chris – Se já nos custa sair da cama de manhã...

Manolo – Vamos, esta ronda fica por minha conta.

Manolo enche os copos. Bebem.

Chris – É verdade que têm um visual bastante estranho.

Concha – Salto de elástico? Não sei se confiava neles para o meu batismo de voo.

Toni – Só lhes faltava uma foice.

Chris – Para cortar a corda...

Manolo – Se os encontrasse à noite numa fábrica abandonada, arrepiavam-me, sim...

Chris – Bom, temos um cliente à espera no carro funerário.

Toni – E com este calor...

Concha – É verdade que aqueceu bastante desde esta manhã.

Chris – Vamos, é hora. Vamos lá!

Estão prestes a sair. Toni vira-se uma última vez para o balcão.

Toni – Ah, Concha, tens de passar pela nossa agência um destes dias.

Concha – Para quê?

Chris – Ainda temos de tratar da cremação do Manolo...

Toni – E todas as nossas condolências, certo?

Saem. Manolo e Concha entreolham-se. Concha consulta o jornal.

Concha *(a ler)* – «A cerimónia terá lugar na mais estrita intimidade...» *(Para Manolo.)* Daqui a três dias!

Manolo – Sim.

Concha – O que é que eu vou vestir?

Manolo parece desconcertado.

Escuro.

Luz.

O bar está vazio e cheio de flores e coroas funerárias, com mensagens: «Já sentimos a tua falta...» «Nunca te esqueceremos...» «Deixas um grande vazio...» Entram Nat e Luca, de t-shirt, e sentam-se, sem ver ninguém atrás do balcão.

Luca – No final, divertimo-nos bastante nesta aldeia.

Nat – Basta um pouco de imaginação.

Luca – Mas talvez devêssemos parar por aqui.

Nat – Oh, também lhes dá um pouco de distração, não achas?

Luca – Tens razão. Eles não têm internet nem usam redes sociais... É preciso levar-lhes as notícias falsas ao balcão, no jornal da aldeia... Não me digas que já tens outra ideia...

Nat – Não se inventa uma boa ideia de cinco em cinco minutos.

Luca – É verdade que, com a eleição presidencial organizada pela Lotaria Nacional, estabelecemos um padrão bastante alto...

Olham à volta.

Luca – Não há ninguém, é estranho...

Nat – Onde estarão todos?

Luca – E o que é tudo isto com as flores...?

Nat – Um casamento?

Luca – Quem é que casaria aqui? Só há idosos...

Nat – Ou um funeral...

Luca – Um funeral...?

Concha aparece de trás do balcão, vestida de preto e como que a saltar de uma caixa de surpresas.

Concha – O que querem?

Nat e Luca assustam-se.

Nat – Desculpe, não a tínhamos visto.

Luca – Dois cafés, por favor...

Concha – Desculpem, já desliguei a máquina. Vamos fechar. Não viram o aviso na porta?

Nat – Não...

Luca – Não faz mal, vamos pedir... duas águas tónicas.

Concha – Já só tenho cerveja.

Nat – Bem, então...

Luca – Duas cervejinhas.

Concha prepara as bebidas.

Nat *(para Luca)* – Ela não parece vestida para um casamento...

Luca – Não.

Nat *(para Concha)* – Está muito calmo hoje. Que se passa?

Concha – Está toda a gente na cerimónia. *(Mostra o jornal local.)* Não viram? Até vem no jornal.

Luca – Não...

Nat – A cerimónia?

Concha – É a homenagem ao Manolo. O discurso do presidente da câmara foi tão comovente... Quase chorei. Mas voltei mais cedo. Tenho tanta coisa para arrumar...

Concha coloca os copos numa bandeja.

Luca – Achas que é por...?

Nat – Espero que não...

Concha traz-lhes as cervejas.

Concha – Aqui estão as duas cervejas...

Nat – Obrigado...

Concha – Talvez sejam as últimas que sirva na vida.

Luca – Lamentamos muito.

Concha – Mas enfim... Não é culpa vossa, não é?

Nat – Claro que não...

Concha – Viram estas flores, todos estes cartões? É comovente. *(Lê.)* «Já sentimos a tua falta...» «Nunca te esqueceremos...» «A tua partida deixará um grande vazio...» *(Emociona-se.)* Toda a gente gostava do meu Manolo... Enfim, a vida continua. Aproveitem enquanto podem...

Concha retorna ao balcão.

Nat – Ele não fazia parapente, pois não?

Luca – De onde ele poderia saltar? Aqui não há penhascos. Nem sequer uma colina pequena. Tudo são campos de trigo até onde a vista alcança...

Nat – O montículo mais alto que vi na zona é um monte de pneus. O que é que poderia ter acontecido?

Luca – Não basta anunciar a morte de alguém no jornal para que isso aconteça, certo?

Nat – É o que se chama uma profecia que se cumpre a si própria.

Luca – Uma quê?

Nat – Anuncias uma coisa e, só por a anunciares, contribuis para que aconteça.

Luca – Por exemplo...?

Nat – Anuncias que certo candidato vai vencer as eleições. Passa a favorito, as pessoas votam nele porque é favorito e acaba por ganhar.

Luca – Já percebi... Como Jesus, não é? Anunciou que era filho de Deus e que ia morrer mártir. Crucificaram-no e, depois, passaram a considerá-lo um deus.

Nat – Exatamente...

Luca – E no caso do Manolo?

Nat – Anunciamos a sua morte para fazer uma brincadeira, ele leva um susto e morre por causa disso.

Luca – Num acidente de parapente?

Nat – Sim, claro, isso não faz sentido...

Uma pausa.

Luca – Achas que podemos ter problemas?

Nat – Não sei... mas desta vez acho que fomos longe de mais.

Chris e Toni chegam com um ar solene. Chris usa uma faixa tricolor de presidente da câmara.

Chris – Bom dia, Concha.

Concha – Senhor presidente da câmara... Senhora vice-presidente...

Toni – Hoje pode esquecer os cargos.

Chris – Não viemos como autarcas nem como agentes funerários...

Toni – Nem sequer como clientes.

Chris – Somos apenas amigos.

Concha – Querem algo para beber, mesmo assim?

Toni – Não hoje, obrigado.

Chris – Prometemos que hoje nos mantínhamos sóbrios.

Concha – Está com vocês?

Toni – Está ali na carrinha, à espera da última viagem...

Chris – Ele está... Sabe... É melhor não ver...

Concha – Tenho a certeza de que ele ficaria feliz por ir com vocês. Só lhes peço que fechem bem a porta de trás do carro. Já chega de perderem caixões nas rotundas...

Toni – Não te preocupes, está fechada.

Chris – Quer ir connosco também?

Concha – Assim que acabar de atender estes últimos clientes, vou ter convosco.

Toni – Perfeito.

Concha – Bem, mais um copo para o caminho.

Chris – Mas algo não muito forte.

Concha – O que é que querem?

Toni – Uma cervejinha.

Chris – O mesmo.

Ela serve-lhes.

Concha – Esta ronda é por conta da casa. Aproveitem, é a última.

Eles esvaziam os copos de um gole só. Nat e Luca olham um para o outro, desconfortáveis.

Luca – Nem sequer fomos à cerimónia.

Nat – Nós não sabíamos.

Luca – Vinha no jornal, pelos vistos.

Nat – Se está no jornal, então...

Luca – Coitada... Estiveram casados trinta ou quarenta anos e, de repente, ela fica sozinha.

Nat – É um dos riscos do casamento. É raro morrerem os dois ao mesmo tempo.

Luca – Especialmente num acidente de parapente...

Nat – Pelo menos, foram felizes todos esses anos.

Luca – Felizes? Tens a certeza?

Nat – Não sei...

Luca – Se isso é a felicidade conjugal, prefiro viver com um gato.

Nat – Sim. Mas é provável que o gato morra antes de ti...

Um momento de silêncio.

Luca – Ainda me sinto um bocado mal...

Nat – Eu também...

Luca – Mas não sabemos ao certo. Se calhar foi coincidência. Talvez ele tivesse problemas de coração e morresse de enfarte...

Nat – Uma coincidência? Se tinha problemas de coração, a notícia da presidência já devia ter chegado para o matar...

Luca – Tens razão... Como diz o poeta, o acaso é o purgatório da causalidade.

Nat – Sim... *(Um momento)* Então, é mesmo isso que pensas?

Luca – Da coincidência?

Nat – Do casamento.

Luca – Não sei... Se for para deixar aos nossos filhos um planeta à beira da morte...

Nat – É verdade... Mas não sei... Os nossos filhos... talvez possam mudar o mundo.

Luca – Lembra-te das térmitas...

Nat – Sim, claro.

Luca – Porque é que perguntas isso?

Nat – O quê?

Luca – Sobre o casamento.

Nat – Não, por nada... Parece que ela está a aguentar bem, apesar de tudo...

A conversa volta ao balcão.

Concha – Vá lá, vou brindar convosco. Não é agora que vamos desanimar.

Concha serve-se de uma cerveja e brinda com os outros.

Chris – Por ti, Concha!

Toni – Enquanto tivermos saúde.

Concha – Pensar que ele nunca mais vai atravessar aquela porta...

Chris – Pensa noutra coisa. Estás a magoar-te...

Toni – Além disso, não podemos demorar. Ele vai começar a ficar impaciente...

Manolo entra, comovido, e olha em volta com nostalgia. Nat e Luca são os primeiros a vê-lo e ficam perplexos. Os outros reparam nele, mas não parecem surpreendidos.

Chris – Ah, ele está aqui, mesmo a tempo...

Toni – Então é oficial, Manolo? A reforma já chegou?

Manolo – Que se há de fazer...? É preciso saber quando nos retirarmos.

Concha – Foi bonita, aquela pequena cerimónia, não foi?

Manolo – Sim... Gostei do teu discurso, senhor presidente da câmara. Soou um bocado como um elogio fúnebre, mas pronto...

Chris – O que é que se vai fazer...? Deformação profissional...

Toni – Tens a certeza da tua decisão?

Manolo – Não vou mudar de ideias. Não sou desses cantores que anunciam a despedida dos palcos três vezes por ano.

Chris – Vamos ter saudades tuas, Manolo. Já não se fazem pessoas como tu.

Concha – Ainda bem...

Manolo – Vamos aproveitar para relaxar um pouco. Para a semana, vamos para as Canárias, não é, Concha?

Concha – Não será com o Avião Presidencial, mas pronto... As malas já estão feitas. E encontrámos o código...

Toni – Que código?

Concha – O código da mala!

Manolo – Desde que a fábrica fechou, já estávamos por um fio.

Concha – Não podemos manter um bar aberto com apenas dois clientes. Por muito que bebam.

Toni – Era por solidariedade, minha pobre Concha...

Chris – Parece que a fábrica está ocupada.

Manolo – Ocupada?

Toni – Todos os dias chegam jovens da capital. Já são uns cinquenta, dizem.

Chris – Se conseguirem reproduzir-se ao ar livre... vão acabar por repovoar a vila.

Manolo – Sim, mas os jovens não bebem tanto como os operários.

Concha – O que é que se vai fazer, Manolo...? Não soubemos reinventar-nos a tempo, e é isso. Já tínhamos perdido o comboio do café-internet nos anos 90, e também falhámos o dos coffee-shops nos anos 2000.

Toni – E também perderam a moda das jukeboxes há mais de meio século.

Concha – É verdade... Mas, na nossa idade, já não vamos mudar. Somos dinossauros.

Manolo – E o que é que esses jovens fazem nessa fábrica?

Chris – Pneus não fazem, isso é certo.

Concha – Pelo menos, também não os queimam.

Toni – Parece que transformaram a fábrica num espaço de coworking.

Manolo – Num quê?

Chris – Um espaço onde os jovens que criaram pequenas empresas podem trabalhar juntos.

Toni – E ainda têm um canto para tomar café e jogar matraquilhos.

Concha – Então é um bar...

Manolo – De qualquer modo, obrigado por nos emprestarem o carro fúnebre para a mudança.

Toni – Quando podemos ajudar, ajudamos.

Concha – Precisam de fazer mais uma viagem ou...?

Manolo – Não, não, foi a última viagem.

Um momento de pausa.

Chris – Era o único bar da aldeia. Onde é que vamos agora tomar o aperitivo?

Toni – Um café que fecha é uma aldeia que morre.

Concha – Ou podem ir para a fábrica com os jovens, no... coworking. E tomar o aperitivo com eles.

Manolo – Não sei se as agências funerárias podem ser consideradas uma start-up.

Concha – Ou talvez devessem inovar.

Manolo – É verdade que não houve muitas inovações no setor funerário nos últimos anos.

Chris – Sim, é uma profissão que continua a ser muito tradicional.

Toni – Porque não oferecemos funerais ecológicos?

Concha – O ecológico está na moda. É um negócio de futuro!

Chris – Já tenho o slogan: «Reduza a pegada de carbono do seu ente querido. Transforme-o em composto! O planeta agradece.»

Esvaziam os copos.

Toni – Mas nenhuma destas ideias vai fazer o Manolo ficar.

Chris – Um dono de bar é mais difícil de substituir do que um médico numa aldeia.

Concha – E no entanto, para ser dono de um bar, não precisas de quinze anos de estudos. Verdade?

Nat e Luca esboçam um sorriso educado.

Manolo – Eu não tenho nenhum diploma. E isso não me impediu de fazer o meu caminho.

Toni – Afinal, és um homem feito a pulso.

Concha – Feito a pulso? Sem a minha ajuda, nem à porta do bar chegava!

Um momento de pausa.

Chris – E os jovens não podiam ficar com o teu café?

Nat e Luca parecem desconcertados.

Toni – Isso mesmo, rapazes. Em vez de perderem tempo com estudos que não servem para nada...

Chris – O que é que querem fazer na vida?

Luca – Sou vegana e colaboro com uma associação de proteção dos animais. Quero abrir um refúgio para animais resgatados de matadouros.

Concha – Um bar também é um refúgio. Para quem naufragou no trabalho ou na vida. Aqui pode-se conversar e encontrar um pouco de calor humano.

Toni – E tu, rapaz, que queres fazer na vida?

Nat – Teatro. Quero ser ator.

Manolo – E como te chamas, rapaz?

Nat – Nat. Mas no teatro chamo-me Nick.

Manolo – Nick quê?

Nat – Nick Ninguém.

Chris – Nick Ninguém?

Nat – É o apelido do meu pai.

Concha – E queres triunfar no teatro sendo filho de Ninguém?

Manolo – Teatro... Há quarenta anos que faço de palhaço atrás deste balcão. *(Aponta para o bar.)* Este é o meu teatro, o balcão é o palco e os clientes são o público.

Concha – E cada vez temos menos público, infelizmente.

Manolo *(apontando para os coveiros)* – E os meus companheiros de cena, ali estão eles...

Concha – Não são estrelas, mas sabem montar um bom espetáculo.

Manolo – Têm sempre uma piada para contar.

Concha – Sempre uma brincadeira.

Manolo – Nunca estão de mau humor.

Um momento emotivo. Alguns limpam uma lágrima com um lenço.

Toni – E hoje descemos o pano.

Chris – É a última representação.

Manolo – A nossa despedida dos palcos.

Tentam recuperar a compostura.

Concha – Vamos embora agora, antes que comecemos todos a chorar.

Manolo *(para os jovens)* – Fechem o pano quando saírem...

Nat – O pano?

Concha – A persiana metálica do bar.

Chris – Não parecem muito espertos, pois não?

Manolo – Não, formam um bom par.

Dirigem-se para a saída, lançando um olhar nostálgico à volta.

Toni – Fiquem com o jornal de amanhã. Vi lá uma notícia que talvez vos interesse...

Deixa o jornal em cima da mesa dos jovens.

Luca – Obrigada...

Manolo, Concha, Chris e Toni saem.

Nat – Pelo menos ele não morreu.

Luca – E felizmente também não acabou como Presidente da República.

Nat e Luca ficam calados durante um momento.

Nat – Que achas?

Luca – De quê?

Nat – E se ficássemos com este bar?

Luca – Estás a brincar?

Nat – Porque não? Podíamos montar um café-teatro.

Luca – Café-teatro à noite, café de gatos durante o dia. Nada mau!

Nat – Era isso que queríamos, não era? Mudar as coisas a partir de baixo, sem esperar nada dos políticos.

Luca – Mais abaixo do que isto é difícil.

Nat – A não ser que começássemos a cavar. Então?

Luca – E, com os jovens que se instalaram na fábrica, podíamos dar uma nova vida à aldeia.

Nat – Um café-teatro tem mais futuro por aqui do que um clube de parapente.

Luca – Para parapente, isto é plano de mais.

Nat – Quem disse que a Terra era plana deve ter vivido por aqui.

Luca – É uma ideia genial! Temos de festejar!

Luca vai para trás do balcão, onde ainda está a garrafa de pastis. Nat segue-a, hesitante.

Nat – Achas que podemos servir-nos assim?

Luca pega na garrafa de pastis e serve dois copos.

Luca – Se agora somos os donos... Vá, ao nosso novo projeto!

Brindam e esvaziam os copos.

Nat – Já tenho o título da nossa primeira peça: «O Sorteio do Presidente»!

Luca – Então era tudo mentira?

Nat – Não sei... Tu que achas?

Luca – Digo-te quando passar o efeito deste pastis. Não estou habituada.

Nat – Eu também não... Além disso, tem um sabor muito estranho.

Luca – Devem destilá-lo com combustível de trator.

Nat – Isso explicava muita coisa.

Nat serve outra ronda de pastis. Os dois já estão um pouco alegres.

Luca – O que estavam a dizer acerca daquele jornal?

Nat – Não sei... Falaram numa notícia que podia interessar-nos.

Luca volta à mesa, pega no jornal e folheia-o sem grande interesse. Nat junta-se a ela.

Luca – O que é que um jornal desta aldeia pode ter de interessante para nós?

Nat – Devem pensar que andamos à procura de trabalho no campo.

Os dois jovens estão sentados de frente para o público e não veem os outros regressar em silêncio e aproximar-se por trás deles.

Luca – Isto é inacreditável...

Nat – Que foi?

Luca – Olha! Nos anúncios de casamento diz que vamos casar daqui a três semanas.

Nat – Quem?

Luca – Nós!

Nat – Nós? Tu e eu... juntos?

Luca – Está aqui escrito!

Nat – Deixa ver... *(Pega no jornal.)* Bolas, é verdade! Deve ser uma gralha...

Luca – Claro que é um erro! Se fôssemos casar daqui a três semanas, tínhamos de saber, não?

Nat – Pois, claro...

Estão um pouco confusos... e também um pouco embriagados.

Luca – E tu não sabias de nada?

Nat – Não...

Luca – Antes os anúncios de casamento do que as notícias de falecimento...

Nat – Isso é verdade.

Luca – Ou será outra profecia que acaba por se cumprir?

Silêncio embaraçoso.

Nat – E se eu chegasse a presidente... querias ser a minha primeira-dama?

Luca – Se está no jornal...

Nat – E flores já temos.

Luca – Daqui a três semanas estarão murchas.

Nat – Daqui a trinta anos, nós também.

Nat volta a erguer o copo.

Luca – Como diz o poeta: «Colhe as rosas enquanto podes».

Luca esvazia o copo. Nat pega numa rosa, ajoelha-se e oferece-lha.

Nat – Luca, aceitas casar com Nick Ninguém?

Luca aceita a rosa.

Luca – Senhora Ninguém? Eu, que sempre quis ser alguém...

Chris e Toni aproximam-se. Chris traz ainda a faixa de presidente da câmara e Toni um crucifixo ao pescoço. Toni abençoa-os com um gesto.

Toni – Ámen.

Chris – Meus filhos, declaro-vos oficiosamente unidos pelos laços do matrimónio.

Toni – Já podes beijar o defunto.

Concha – O defunto?

Toni – Perdão, queria dizer a noiva...

Nat – Casados por dois agentes funerários...

Luca – E com duas testemunhas que parecem zombies!

Nat – Isto promete!

Nat beija Luca.

Os restantes *(em coro)* – Vivam os noivos!

Todos aplaudem e atiram arroz. Luca lança o ramo e os agentes funerários tentam apanhá-lo. Ouve-se música de casamento.

Escuro.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

https://jeanpierremartinez.net/
https://comediatheque.net/

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

https://jeanpierremartinezmusic.com/

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
https://comediatheque.net
https://jeanpierremartinez.net/

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Avinhão – Maio de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-204-3

Documento para download gratuito